



<https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v12.1039>

Diálogos entre Michel Foucault e Byung-Chul Han: Do Panóptismo a Psicopolítica enquanto dispositivos de vigilância nas Cidades Contemporâneas

Dialogues between Michel Foucault and Byung-Chul Han: From Panopticism to Psychopolitics as surveillance device in contemporary cities

Cláudio João Sindique¹

Resumo

O presente artigo, procura analisar minuciosamente o panóptismo de Michel Foucault atrelado a psicopolítica do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han enquanto dispositivos de vigilância. As discussões elaboradas por Foucault em relação à sociedade disciplinar, efectivadas nos espaços panópticos de vigilância, lançam luz sobre os jogos de força configurados no trama social. Para Michel Foucault, existe um tipo de poder que se exerce sobre os indivíduos através da vigilância contínua, o que acaba por exercer um controle tendo em vista o castigo ou a recompensa, fenômeno este que é concebido por este filósofo como panóptismo. O resultado deste tipo de poder é a tendência de transformação do indivíduo naquilo em que o poder político e social espera dele a partir de certos requisitos normativos. Enquanto para Byung-Chul Han os meios de controlo e sujeição exercidos mediante o emprego das tecnologias digitais de comunicação representam a capacidade de interferir no nível pré-cognitivo, misturando as fronteiras que representam a modernidade: o corpo e a mente, a razão e a paixão, a liberdade e a responsabilidade. A pesquisa tomou por base o pensamento do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han exposto principalmente nas seguintes obras: No enxame: perspectivas do digital, Sociedade da Transparência e Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder procurando dialogar seu pensamento com a obra de Michel Foucault Vigiar e Punir. O entendimento exposto principalmente em Vigiar e punir, conhecido por panóptismo, apresenta problemas em relação à concepção de Byung-Chul Han. Por isso a reflexão que se segue visa ampliar os conhecimentos acerca do panóptismo de Foucault e da psicopolítica de Han enquanto dispositivos de vigilâncias nas cidades contemporâneas. O artigo é de natureza bibliográfica e, tem como objectivo analisar em que medida esses

¹ Universidade Eduardo Mondlane. Moçambique. <https://orcid.org/0000-0002-2908-9067>
E-mail: sydneyjoaosindique@gmail.com

dispositivos de controlos ou vigilâncias tem contribuído para reduzir as liberdades individuais nas cidades.

Palavras-Chave: Panóptismo. Psicopolítica. Dispositivos de vigilâncias. Foucault. Han.

Abstract

This article seeks to analyze in detail Michel Foucault's panopticism linked to the psychopolitics of the South Korean philosopher Byung-Chul Han as surveillance devices. The discussions elaborated by Foucault in relation to the disciplinary society, carried out in the panopticon spaces of surveillance, shed light on the power games configured in the social fabric. For Michel Foucault, there is a type of power that is exercised over individuals through continuous surveillance, which ends up exercising control with a view to punishment or reward, a phenomenon that is conceived by this philosopher as panopticism. The result of this type of power is the tendency to transform the individual into what political and social power expects from him based on certain normative requirements. While for Byung-Chul Han, the means of control and subjection exercised through the use of digital communication technologies represent the ability to interfere at the pre-cognitive level, mixing the borders that represent modernity: body and mind, reason and passion, freedom and responsibility. The research was based on the thought of the South Korean philosopher Byung-Chul Han, exposed mainly in the following works: *In the swarm: perspectives of the digital*, *Society of Transparency and Psychopolitics: Neoliberalism and the new techniques of power*, seeking to dialogue his thought with the work by Michel Foucault *Watch and Punish*. The understanding exposed mainly in *Watch and Punish*, known as panopticism, presents problems in relation to Byung-Chul Han's conception. Therefore, the reflection that follows aims to broaden the knowledge about Foucault's panopticism and Han's psychopolitics as surveillance devices in contemporary cities. The article is bibliographical in nature and aims to analyze to what extent these control or surveillance devices have contributed to reducing individual freedoms in cities.

Keywords: Panopticism. Psychopolitics. Surveillance devices. Foucault. Han.

Introdução

Zygmunt Bauman na sua obra *Confiança e Medo na Cidade* afirma que “as cidades contemporâneas se transformaram em depósitos de problemas causados pela globalização” (BAUMAN, 2005, p. 5). Na sua opinião, (BAUMAN, 2005) entende que as cidades contemporâneas são campos de batalha nos quais os poderes globais, os sentidos e identidades tenazmente locais se encontram, se confrontam e lutam, tentando chegar a uma solução satisfatória ou pelo menos aceitável para esse conflito. É esse confronto geral, e não algum factor particular,

que aciona e orienta a dinâmica dos dispositivos de vigilância nas cidades contemporâneas, de todas as cidades, sem sombra de dúvida, embora não de todas elas no mesmo grau (Idem, 2005).

Ora, este filósofo defende ainda que as cidades contemporâneas entraram numa nova fase histórica, inaugurada no fim do século XX (BAUMAN, 2005). Por diversas razões, essas cidades são o epicentro das transformações em curso e, como tal, constituem observatórios particularmente importantes para compreender tudo o que está acontecendo, (*Ibid*, 2005). Em síntese, a transformação nasce dos efeitos produzidos por um duplo movimento: “por um lado, é nas grandes áreas urbanas que se concentram as funções mais avançadas do capitalismo”, que tem-se reacomodado segundo uma lógica de rede, cujos núcleos estruturais são justamente os centros globais (*Ibid*, p.6). À medida que esse mundo vem se transformando ao longo de sucessivas gerações, a vigilância assume características sempre em mutação, (*Idem*).

Neste ínterim, Michel Foucault (2014) denomina essas cidades como sociedades disciplinares onde é preciso um sistema de controlo social que visa criar no indivíduo sobretudo a submissão. Instrumentos como técnicas de vigilância, controle e punição, segundo Foucault (2014), estão presentes nas sociedades disciplinares desde os séculos XVII e XVIII e acabaram se desenvolvendo e se transformando a tal ponto de se apresentarem inteiramente amadurecidas no início do século XX. Nestas cidades disciplinares “a docilidade, a submissão e a utilidade enquanto objectivos do poder político e social acabam por desencadear um total controlo sobre o indivíduo que passa a agir simplesmente de maneira passiva e em função das normas vigentes” (FOUCAULT, 2014, p.30).

É no meio destas cidades disciplinares que Foucault (2014) inaugura no seu pensamento a expressão panóptismo cunhado por Bentham. O panóptismo tratava-se de um instrumento que envolvia uma série de procedimentos, dispositivos técnicos, passível de uma classificação por parte dos órgãos de controlo e estabelecido a partir de uma hierarquia de poder principal até as ramificações em redes interligadas hierarquicamente (FOUCAULT, 2014).

Por seu turno, Byung-Chul Han considera que, embora nossa condição seja a de sujeitos submissos, somos continuamente projectos livres, (HAN, 2018a). E, no entanto, nesta consideração de sujeito como projecto, livre das coerções externas e da restrição imposta pelo outro, se lida contemporaneamente com a sujeição

interna, ou melhor, internalizada. Pois ela resulta das “obrigações de desempenho e de otimização” (HAN, 2018a, p. 9). Trata-se de reconhecer a mudança em nossa concepção de sujeito para o sujeito do desempenho, um auto-empendedor de si mesmo.

Para tratar do tema proposto neste artigo e compreender melhor este debate, proponho-me a realizar um diálogo entre Foucault e Han para estudar o panóptismo e a psicopolítica enquanto dispositivos de vigilância de vida nessas cidades contemporâneas. Nas primeiras discussões proponho, primeiro desenvolver uma reflexão bem geral acerca desses conceitos panóptismo e psicopolítica como uma oportunidade para trazer diferentes formas de entendimento e para a emergência de novas tecnologias de poder.

Depois, o foco será direcionado para algumas reflexões desenvolvidas por Michel Foucault na segunda metade dos anos 1970, relacionando a emergência de novas tecnologias de poder para o controle da vida humana. De seguida faço uma reflexão sobre a psicopolítica a partir da obra *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*, de Byung-Chul Han (2018). Esta obra aborda os mecanismos de controlo presentes nessas tecnologias digitais e seus efeitos sobre a subjetividade dos usuários. Acredito que esses dois autores apresentam diálogos comuns, embora Han apresente na sua abordagem uma superação do paradigma Foucoltiniano. Por isso, o interesse é criar este diálogo entre estes dois autores a fim de compreender os seus processos de vigilância nas cidades contemporâneas.

Este artigo forma uma abordagem ensaística e analisa até que ponto a noção de vigilância nos ajuda a compreender o que está acontecendo num mundo de monitoramento, controle, observação, classificação, *checagem* e atenção sistemática que os autores chamam de vigilância?

O trabalho tem como objectivo geral, compreender o panóptismo de Foucault e a psicopolítica de Byung-Chul Han enquanto dispositivos de vigilância nas Cidades Contemporâneas. Parte-se de uma reflexão acerca das bases epistemológicas e filosóficas dos conceitos panóptismo e psicopolítica enquanto instrumentos de captura de vida.

Quanto a metodologia de pesquisa, o trabalho é de natureza teórica com cunho bibliográfico, onde procuro revisitar as ideias-base de Michel Foucault nas obras *Vigiar e Punir* (2014) e *Microfísica do Poder* (1979), conjugados com a psicopolítica e as novas técnicas de poder, do autor sul coreano Byung-Chul Han

(2018). No geral a elaboração deste artigo privilegiou a análise bibliográfica voltada para as principais abordagens teóricas sobre o panóptismo, o caso das obras de Bentham (2000) *o Panóptico*, autor pioneiro desta teoria, Gilles Deleuze “sociedade de controlo”, Kevin Haggerty e Richard Ericson, a “montagem da vigilância”, Bauman (2013) *Vigilância Líquida*, Butler Judith (2010).

A análise foca-se primeiro no contributo dos dois autores em estudo para realçar quer as suas linhas epistemológicas centrais, quer os seus traços mais característicos, tendo em vista a identificar fundamentos perenes desses dispositivos de controlo e traçar uma baliza das suas limitações. Para fechar, apresento um contraponto provocativo sobre as suas interfaces e divergências de pensamento como uma nova contra-argumentação do panóptismo.

O Panóptismo ou dispositivo de Vigilância em Foucault

É preciso, antes de qualquer abordagem, conhecer a etimologia da palavra panóptismo que vem do grego *Panoptés*, aquilo que permite ver tudo, de *PAN*, que significa tudo, e *OPTIKON* referente ao olho. O “panóptico” significaria então, “lugar de onde tudo se vê” (BENTHAM, 2000, p.16). Foi em 1785, que o filósofo e jurista Jeremy Bentham cunhou o termo pan-óptico para designar uma penitenciária ideal que permite um único vigilante observar todos os prisioneiros, sem que estes possam saber se estão ou não sendo observados. O medo e o receio de não saberem se estão a ser observados leva-os a adoptar o comportamento desejado pelo vigilante (*Idem*).

Bentham estudou "racionalmente", em suas próprias palavras, o sistema penitenciário. Criou então um projecto de prisão circular, onde um observador central poderia ver todos os locais onde houvesse presos (BENTHAM, 2000). O sistema seria aplicável, segundo o autor, “a prisões, escolas, hospitais, fábricas para tornar mais eficiente o controle daqueles estabelecimentos”, (BENTHAM, 2000. p.18). Assim, aquele que estivesse sobre uma torre ou estrutura circular central poderia observar todos os presos (ou os funcionários, pacientes, estudantes, etc), tendo-os sob seu controle (*Ibid*).

O desenho original de Bentham incorporava uma “galeria ou estrutura circular no centro de um edifício, também circular, dividido em celas, tendo cada uma delas uma janela para o exterior, para permitir a entrada de luz, e uma porta

gradeada voltada para o vasto pátio interior e voltada para a torre de vigilância”, (BENTHAM, 2000, p.5). Os ocupantes das celas se encontrariam isolados uns aos outros por paredes e sujeitos ao escrutínio coletivo e individual de um vigilante, postado na torre e que permaneceria oculto. Para isso, Bentham não só imaginou persianas ou venezianas nas janelas da torre de observação, mas também conexões labirínticas entre as salas da torre, a fim de evitar sombras ou ruídos que pudessem delatar a posição e o olhar do observador (BENTHAM, 1791 *apud* DA SILVA, 2019).

Na leitura interpretativa de Aymoré o sistema inventado por Bentham era na realidade complexo e exigia edifícios dispendiosos e com vasta área de construção, de modo que, até hoje, nenhum edifício panóptico seguiu exatamente o sistema desenhado por ele (AYMORE, 2019). Em todo o mundo existe um número muito reduzido de edifícios que se podem considerar panópticos, isto é, de implantação circular e com uma simplificada torre de vigilância situada no centro de um espaço aberto, coberto ou não, (AYMORE, 2019).

Outras leituras paralelas indicam que o sistema panóptico está também na base de pensamento de Gilles Deleuze que introduziu a expressão “sociedade de controle”, na qual a vigilância cresce menos como uma árvore relativamente rígida num plano. Em seus últimos textos Deleuze evoca a instalação progressiva e dispersa de sistema de dominação de indivíduos e populações dando origem à sociedade de controle, (BAUMAN & LYON, 2013).

Outro trabalho interessante sobre esta abordagem panóptica segundo Bauman e Lyon (2013) é o de Óscar Gandy no seu livro sobre *The Panoptic Sort: A Political Economy of Personal Information* que descreve a vigilância do consumidor pela utilização de bases de dados como “pan-óptica”. Há neste livro de Óscar Gandy evidentemente, a relação com o princípio panóptico original que pode tornar-se um tanto exagerada (Ibid). A triagem panóptica para este autor é vista num contexto de consumo. Esse é o lado suave do *continuum* da vigilância.

Por sua vez, o estudo de Lorna Rhodes sobre as prisões “supermax” de segurança máxima, por exemplo, leva-a a concluir que o panóptico pode “diagnosticar a todos nós”. Ela mostra como a experiência da supermax induz alguns presidiários a se auto mutilar; a “calculada manipulação” panóptica do corpo conclama seu oposto, (Ibid, p.7).

Segundo Bauman e Lyon (2013), talvez a metáfora-chave para a vigilância nas cidades contemporâneas, pelo menos no mundo ocidental, sem dúvida é o

Grande Irmão de George Orwell. Na obra *1984*, Orwell apresenta um país imaginário que possui até uma *novafala*. Neste país retratado encontrava-se em guerra permanente com transmissões televisivas diárias contrárias à oposição governamental. As armas utilizadas eram a lavagem cerebral com eletrochoque, a privação de sono, o isolamento, a administração de drogas e a tortura física (*Ibid*).

Retomando a análise de Michel Foucault (2014) que é o centro do nosso debate, este analisa as cidades contemporâneas a partir do dispositivo panóptico emprestado na obra de Jeremy Bentham. Em Michel Foucault a vigilância e invisibilidade, se baseiam em três elementos arquitetônicos: “espaço fechado, divisão em celas e torre central” (FOUCAULT, 2014, p.168). Desse modo, a partir da torre idealizada por Bentham é possível enxergar as celas, muito embora das celas não seja possível enxergar quem está na torre e nem tampouco em outras celas. Assim destaca Foucault (2014, p. 169) que “o panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder, graças a seus mecanismos de observação, ganha eficácia e com capacidade de penetração no comportamento dos homens (...)”. O panóptismo é, portanto, um dispositivo invertido do espetáculo, *shows*, circo onde poucos assistem ao que acontece com a multidão (FOUCAULT, 2014). Segundo Foucault (2014, p.167) “o panóptico seria então a máquina maravilhosa que, a partir dos desejos mais diversos, fabrica efeitos homogêneos de poder”.

Foucault (1979, p.12) na sua obra *Microfísica do Poder* explica ainda que os “discursos de verdade” da sociedade, por meio de sua linguagem, comportamento e valores são relações constituídas de poder e, portanto, aprisionam os sujeitos. É nesta lógica de pensamento que Michel Foucault mais tarde, na fase ética, que trata da subjetivação e constituição do sujeito, ele faz análise a partir dessa fase genealógica aqui percorrida.

Nesse sentido Foucault discorre sobre a produção das individualidades que a disciplina produz a partir do controle de corpos, constituída de quatro espécies; “1) celular-pelo jogo de repartição espacial; 2) orgânica-pela codificação das atividades; 3) genética-pela acumulação do tempo; 4) combinatória-pela composição de forças”, (FOUCAULT, 1998, p.160). Para ele, “o exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induza a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis àqueles sobre quem se aplicam (...)” (FOUCAULT, 2014, p. 143).

Michel Foucault procurou demonstrar no livro *Vigiar e Punir* que o panóptismo enquanto sistema de vigilância e controle exercido sobre os presos, os operários das fábricas, e também, nas escolas e nos conventos esta em todo lugar. Ou seja, o panóptismo para este filósofo “é o princípio geral de uma nova ‘anatomia política’ cujo objecto e fim não são as relações de soberania, mas as relações de disciplina” (FOUCAULT, 2014, p.172).

Na sociedade disciplinar os indivíduos sentem-se controlados pela força do olhar, uma vez que no poder panóptico, o observador está permanentemente presente a observar e a vigiar os indivíduos. Sendo assim, Foucault considera que

O Panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens; um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça (FOUCAULT, 2014, p. 169).

O poder disciplinar de Michel Foucault (2014) com o dispositivo panóptico, por meio da visibilidade, da regulamentação minuciosa do tempo e na localização dos corpos no espaço, possibilitou o controlo sobre os indivíduos, de forma a torná-los dóceis e úteis à sociedade, instaurando dessa forma, uma nova tecnologia do poder.

De acordo com o pensamento de Foucault (1979), o surgimento da submissão à ordem estabelecida foi possível por meio de processos disciplinadores e mecanismos criados pelo estado e sociedade com este objectivo. Dentro deste processo, o corpo e a mente dos indivíduos são moldados a partir dos interesses do meio político e social, fazendo surgir o sujeito dócil, submisso e útil ao poder estabelecido (*Idem*). O filósofo em questão debruça-se sobre este tema como forma de compreender as etapas processuais desta construção, que tem como resultado o surgimento da docilidade e da submissão por parte do sujeito. Nestas condições, torna-se possível o controle político e a utilização da pessoa ao contexto político e social, (FOUCAULT, 1979).

Segundo Foucault (2014) uma das grandes situações que o panóptico cria nos indivíduos é aquela sensação de que estes mesmos indivíduos são observáveis, e tornava-se urgente se auto vigiar, sob pena de sofrerem sanções decorrentes de faltas cometidas e detectadas. Trata-se, portanto de um poder real pelo facto de existir automatização, considerando que os próprios indivíduos observados se auto

vigiavam e impessoal por se tratar de um dispositivo que não era verificável. Eis como Michel Foucault se reporta ao panóptico:

O Panóptico de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, ente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível (FOUCAULT, 2014, p.194).

Em suma, segundo Foucault o princípio da masmorra é invertida, ou antes, de suas três funções; “trancar, privar de luz e esconder”, só se conserva a primeira e suprimem-se as outras duas (FOUCAULT, 2014, p.194).

Portanto, Foucault considerava que o panóptismo poderia ser considerado uma grande e eficiente máquina destinada a produzir poder. E isto por causa do recurso a que se recorre que é o da observação (FOUCAULT, 1998). Este mecanismo panóptico destaca-se pela sua capacidade de penetração nas massas populares modificando o comportamento dos indivíduos cientes de sua existência (FOUCAULT, 2014; 1979). O que se busca como forma de fazer com que esta eficácia seja sempre assegurada, é que, embora ele possa ser exercido por uma multiplicidade de pessoas, é de que ele seja pronto e eficiente de tal maneira como se estivesse sendo exercido directamente pelo soberano.

Os dispositivos de Captura na Sociedade Disciplinar de Foucault

Michel Foucault, quando fez a análise das instituições sobre a ideia do panóptismo, trouxe as escolas, quartéis e hospitais como modelos do aparelhamento disciplinar, como já visto.

Nesse sentido, Foucault perpassa em primeiro lugar pela distribuição dos corpos no espaço, “o espaço escolar se desdobra; a classe torna-se homogênea, ela agora só se compõe de elementos individuais que vêm se colocar uns ao lado dos outros sob o olhar do mestre” (FOUCAULT, 2014, p.126). Em segundo lugar, pelo controle das actividades, seja na rigidez do cumprimento de horários; seja na penetração do tempo nos corpos, a fim de prevalecerem os efeitos de poder; seja

pela eficiência, rapidez e utilidade dadas pelos corpos disciplinados; seja na articulação corpo-objeto, (FOUCAULT, 1979).

Três elementos são fundamentais no processo de vigilância hierárquica em Foucault; aqui estendemos para o campo da política, onde o poder procura incessantemente ter o exaustivo e contínuo controlo de toda a situação. O primeiro elemento é o que Foucault denomina como “olhar hierárquico, o segundo é por ele chamado de sanção normalizadora, e o terceiro, decorrente destes dois primeiros, é denominado por ele como exame” (FOUCAULT, 2014 p.147).

O olhar hierárquico consiste na criação e no estabelecimento de um mecanismo de controlo onde a hierarquia constituída goza de uma visão privilegiada de uma situação política; por sua vez, esta situação que é vigiada, e sobretudo tendo esta percepção de que este facto acontece de maneira eficiente, passa exercer uma completa e exaustiva vigilância sobre si mesmo (*Idem*). A sensação de estar sendo vigiado o tempo todo por uma estrutura política hierárquica, faz com que o objecto vigiado se auto vigie. “Enquanto o exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induza a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis àqueles sobre quem se aplicam ” (Ibid, p.143).

As sanções normalizadoras se referem à imposição de ordem, escala hierárquica, dispositivos de comando e à previsão de comportamentos aceitáveis e eficientes, (FOUCAULT, 2014). Quanto ao exame, Foucault fundamenta:

O exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. (...). É por isso que, em todos os dispositivos de disciplina, o exame é altamente ritualizado. O exame inverte a economia da visibilidade no exercício do poder. O poder é o que se vê, se mostra, se manifesta, a sua força está no movimento com o qual se exhibe. O poder disciplinar, ao contrário, é exercido com invisibilidade (FOUCAULT, 2014, p.154).

Na disciplina são os súditos que devem ser vistos. “O exame é a técnica pela qual, o poder em vez de emitir os sinais de seu poder, em vez de impor sua marca a seus súditos, capta-os num mecanismo de objectivação” (FOUCAULT, 2014, p.156). Dessa forma, o exame torna-se um instrumento de objectivação do exercício do poder e do poder disciplinar, como um ritual que traz à mostra a justificativa das relações tácitas do poder.

A Psicopolítica ou o controlo sobre a mente em Byung-Chul Han

Para melhor compreensão da teoria base do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han recorro as suas duas obras: *No exame: perspectivas do digital, Sociedade da Transparência (2018a)* e *Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder (2018b)*. A análise que o referido pensador realiza acerca dos meios técnicos, dos quais a sociedade actual dispõe, aponta para o facto de que as ferramentas digitais de interatividade actuam pelo menos de duas formas; “atraindo os indivíduos para a contínua presença e participação no ambiente virtual e influenciando na produção de subjetividade dos usuários” (HAN, 2018a p.40). Segundo Han (2018a), a presença contínua no ambiente virtual modifica a experiência intersubjetiva das pessoas implicando na formação de perfis e tendências comportamentais que reforçam a sujeição e impedem a resistência. Esse seria o esquema básico de uma nova forma de dominação do homem na civilização tecnológica, forma essa que Byung-Chul Han denomina *psicopolítica*.

A razão de fazer este diálogo entre Foucault e Byung-Chul Han perpassa pelo facto de Foucault ser tido como um dos precursores da temática panóptica e o segundo por mostrar-se como um dos principais expoentes da “nova geração” de filósofos responsáveis pela democratização de um discurso que, durante muito tempo, restringiu-se ao meio académico. Embora sua pesquisa seja de fôlego com referências a diversos autores fundamentais da filosofia contemporânea como Heidegger, Foucault e Deleuze, a forma como seus livros são construídos faz com que sua leitura se mantenha acessível ao longo de todo o trabalho (MELO, 2020).

Não obstante, a noção de “psicopolítica” de Han é construída ao longo da obra como a expressão de um novo tipo de controlo que incide não somente sobre os corpos, mas, principalmente, sobre as mentes, (MELO, 2020).

Pode se afirmar que a obra *Psicopolítica* gira em torno de uma questão principal: a noção de liberdade. Segundo Han (2018a, p. 9-13), o neoliberalismo apresenta a proposta de um homem livre das imposições alheias, contrária ao modelo da dialética hegeliana onde há o “servo *versus* o senhor, o explorado *versus* o explorador”. O que passa a existir no modelo neoliberal é apenas a ideia de que o sujeito é servo apenas de si mesmo. Ou seja, aquilo que está na base da liberdade individual, a ausência de um senhor estabelece um novo tipo de servidão articulada ao imperativo da coerção interna (HAN, 2018a).

Han mostra na sua obra que as “relações de poder continuam em jogo ainda que disfarçadas na sua própria manifestação” (HAN, 2018a, p. 25-28). Hoje, o poder é mais inteligente e actua silenciosamente, assumindo uma forma permissiva, colocando de lado sua negatividade e se passando por liberdade. O sujeito, inconsciente de sua submissão, sente-se livre e submete-se ao contexto de dominação por si mesmo. Ora, Han (2018a) encontra na sua psicopolítica aquilo que vai chamar de poder inteligente. O poder inteligente é aquele que produz emoções positivas e as explora, seduzindo e indo ao encontro do sujeito. Essa forma de poder cria uma servidão voluntária, pois lê e avalia nossos pensamentos conscientes e inconscientes, baseando-se na auto-organização e na otimização pessoal voluntária (HAN, 2018a). O poder inteligente neoliberal na visão de Han busca agradar e gerar dependência (*Idem*).

A nova técnica de poder do Estado neoliberal apontada por Han (2018a) é comparada ao Estado de vigilância de George Orwell. Na obra *1984*, o país retratado encontrava-se em guerra permanente com transmissões televisivas diárias contrárias à oposição governamental. As armas utilizadas eram a lavagem cerebral com eletrochoque, a privação de sono, o isolamento, a administração de drogas e a tortura física (HAN, 2018a; BAUMAN e LYON, 2013). Em contrapartida, o que vemos hoje como técnica de poder do regime neoliberal é o controlo psicopolítico do futuro e não a administração do passado (HAN, 2018). Entretanto a escassez do Estado de vigilância de Orwell é substituída pela abundância de positividade.

Nesta perspectiva para Han (2018a) a liberdade e a comunicação ilimitada se transformaram em monitoramento e controle total. Cada vez mais “as mídias sociais se assemelham a panópticos digitais que observam e exploram impiedosamente o social” (HAN, 2018a, p.19).

Paralelamente ao pensamento de Han, Butler é outra filósofa pós-estruturalista que apresenta sua contribuição da noção butleriana de sujeito e agência para a teoria social, sobretudo na compreensão dos processos de resistência e de agência que emergem das “margens sociais”, ou seja, de sujeitos considerados não inteligíveis dentro de modelos sociais hegemônicos (BUTLER, 2010). O poder da agência, sua teoria “inovativa” se configura, fundamentalmente, como resistência política. Surge quando se dá uma descontinuidade entre o poder que constitui o sujeito e o poder que o próprio sujeito assume. Nas palavras de Butler (2010, p. 9) “a agência excede ao poder que lhe faz possível”. É nesse excesso, que

oferece a possibilidade de ressignificação, que surge do desejo do sujeito, e o desejo “tem por objetivo a dissolução do sujeito”, que, nesse caso, se trata do sujeito conformado com as convenções sociais.

Mal nos livramos do panóptico disciplinar de Foucault e já encontramos um novo e ainda mais eficiente, a psicopolítica de Han, (2018a) e o poder de agência de Butler (2010). Além desta constatação já por si mesma espantosa, Han explicita o que seria a nossa relação de reforço em relação à vigilância, uma vez que nos integramos às engrenagens de comunicação e de interação constantes. E, assim, segundo Han “Os internos do panóptico digital, por sua vez, comunicam-se intensivamente e expõem-se por vontade própria” (HAN, 2018b, p. 19).

É por esta razão que a psicopolítica, enquanto gestora mais de mentes que de corpos vivos, ocupa-se, principalmente, com o fluxo constante de informações, segundo a tirania da informação. No entanto, até mesmo a subjetividade pode ser vista como uma barreira para comunicação, pois sem a revelação de si não há informação a ser colocada em movimento e disponibilizada. Deste modo, a subjetividade precisa ser transparente, precisa ser colocada de *dentro* para *fora*, exposta de forma minuciosa, pois o mistério, o silêncio e o segredo são barreiras limitadoras da transparência da informação.

As novas formas de controle e a formação de enxames

Tal como retratamos nas páginas anteriores, a nova técnica de poder do Estado neoliberal apontada por Han (2018a) é comparada ao Estado de vigilância de George Orwell. Em contrapartida, Han (2018a, p. 55-58) analisa o que vemos hoje como técnica de poder do regime neoliberal, nas suas palavras a única diferença da psicopolítica com a biopolítica de Foucault é que a psicopolítica é “controle do futuro e não a administração do passado” como acontecia na obra de George Orwel. A escassez do Estado de vigilância de Orwell é substituída pela abundância de positividade (HAN, 2018a).

Para sustentar sua tese, Han disserta que o sentimento de liberdade e a aceleração da comunicação hoje favorece a transformação emotiva na medida em que a racionalidade é mais lenta que a emotividade (HAN, 2018b). Assim, com o avanço da aceleração comunicativa, o indivíduo encontra-se subordinado a uma ditadura da emoção (*Idem*). Han transita na sua obra com muita propriedade entre

termos oriundos da filosofia moderna e contemporânea e as práticas rotineiras da pós-modernidade como no caso da chamada “*gamificação*” (HAN, 2018b, p. 69-74). O jogo que, em geral, motiva os participantes com seu sistema de recompensas produtor de sensações imediatas de êxito é também ferramenta de exploração na psicopolítica (HAN, 2018b). A Gamificação para Han é tida como mecanismo de poder para o mundo do trabalho, que explora o *Homo ludens* e o submete às relações de dominação enquanto joga, criando mais motivação (HAN, 2018b). Através da rápida sensação de realização e do sistema de recompensas, o jogo gera mais desempenho e rendimento. O jogador com suas emoções está muito mais envolvido do que um trabalhador meramente funcional ou que actua apenas no nível racional (HAN, 2018b, p. 69).

No *Homo ludens*, o tempo livre é esvaziado de sentido improdutivo e “colabora para a produção de capital fixo. Assim, o conhecimento é capitalizado pois, o aumento do tempo de ócio multiplica o capital humano ” (HAN, 2018b, p. 71).

A comunicação social segundo Han (2018b, p.74)) se manifesta na carência “gramatical do *Twitter*, no apelo afectivo do *like* e na alienação promovida pelos *influencers*”.

Os outros dispositivos que Han nos apresenta são os *big data*. Segundo Han (2018b) os *big data* enquanto instrumentos da psicopolítica permitem uma vigilância “aperspectivista” que alcança a psique, livre das limitações de perspectiva e dos pontos cegos da vigilância analógica. O *dataísmo*, termo emprestado por David Brooks se apresenta como uma espécie de “segundo iluminismo” onde os números e os dados substituem a psicologia e outras disciplinas do comportamento humano (HAN, 2018b, p.80). A concluir Han afirma que este é o totalitarismo digital que renuncia o nexos de sentido através da eliminação da narração (HAN, 2018b).

Assim, para o filósofo Han (2018b) ferramentas e técnicas como *big data* e *data mining* se tornaram base de campanhas políticas e permitem visão completa dos eleitores. Por meio do *micro-targeting* pode-se personalizar uma estratégia de campanha, abordando eleitor a eleitor e os influenciando (HAN, 2018a; 2018b).

Para o filósofo, o *data mining* e os *big data* revelam “um campo de acção estruturado de maneira inconsciente” e tornariam visíveis “microações que escapariam à consciência” (HAN, 2018b, p. 89). Han assevera ainda que “os *big*

data talvez tornem legíveis aqueles nossos desejos dos quais nós mesmos não estamos totalmente conscientes” (HAN, 2018b, p. 88). Sendo assim, não é difícil imaginar o poder dessa ferramenta quando utilizada pelo capital.

Com efeito, essa arma torna-se ainda mais eficaz na medida em que ela actua na carência das narrações. Ou seja, o *big data* trabalha por adição, por correlação não causal e, se por um lado não gera narração, por outro permite a ausência de esquecimento. “A memória humana é uma narração”, afirma Han (2018b, p. 92) e, portanto, dinâmica, permitindo lacunas, *insights*, esquecimentos, confabulações, criptomnésias e várias outras alterações quantitativas e qualitativas estudadas pela Psicologia e áreas afins.

Portanto, a psicopolítica digital torna as pessoas submissas a um estado de coisas, quantificáveis, mensuráveis, controláveis, da competição e otimização que gera culpa, revelando o fim do livre-arbítrio. “O curtir é o amém digital, quando clicamos nele, subordinamo-nos ao contexto de dominação” (HAN, 2018a, p. 24).

Por isso Han afirma que, “a partir do *big data* é possível extrair não apenas o psicograma individual, mas o psicograma colectivo, e quem sabe até o psicograma do inconsciente, isso permitiria expor e explorar a psique até o inconsciente” (HAN, 2018b, p. 36).

O *enxame* é outro dispositivo de controlo em Byung-Chul Han. Para este filósofo o *enxame* seria definido como o aglomerado de indivíduos em torno de uma rede digital de comunicação (HAN, 2018b). Os sujeitos a ele agregados não estão ali porque compartilhem de uma voz uníssona, de uma ideia comum entre todos. Ao contrário, as redes criadas no ambiente virtual são lugar do cultivo da individualidade (Ibid).

Diálogos e interfaces entre o Panóptismo e a Psicopolítica

Neste pequeno subtema interessa-me fazer um estudo ensaístico comparativo entre as teorias destes dois autores Michel Foucault (1926 - 1984) e Han. Quais as possíveis semelhanças, que dissemelhanças e quais as críticas levantadas. Na medida em que a psicopolítica enfatiza, pelo uso das redes de comunicação à distância, o exercício da vigilância e do controle sobre as mentes, o panóptico de Foucault introduz uma diferença significativa pois quem vigia cada indivíduo governado é uma multidão de inspetores que ocupam a posição de

governança. Se o princípio da inspeção está ainda presente, a configuração difere em cada caso.

Antes, cabe lembrar que, segundo Han, estamos submetidos à relação com o capital que, na contemporaneidade, se volatizou (HAN, 2018a). Enquanto a analítica do poder de Foucault se apresenta com o enfoque no desenvolvimento do capitalismo industrial, encontramos-nos diante de novas condições econômicas e de produção altamente eficientes na vigilância e na formação da subjetividade. Ao invés da liberdade, adquirimos uma nova forma de coerção. A invisibilidade do panóptico de Foucault poderia ser reconhecida como o resultado da interiorização de seus mecanismos. Pois, nós expomos nossa subjetividade supondo-nos livres, enquanto, segundo Han “o sujeito do desempenho, que se julga livre, é na realidade um servo; é um *servo absoluto*, na medida em que, sem um senhor, explora voluntariamente a si mesmo, nenhum senhor o obriga a trabalhar” (HAN, 2018a, p. 10).

A analítica do poder de Foucault (2014) proporciona um alento, na medida em que para todo poder mantêm-se a possibilidade de opor resistência. Por sua vez Butler (2010) com a sua Teoria *Queer*, que segue a perspectiva foucaultiana de que o discurso é constitutivo, produtivo e performativo de subjetividades generizadas e de práticas sociais, entende que o sujeito opera como uma categoria linguística que está sempre em processo de construção no interior das relações de poder. Tanto em Foucault como em Butler, o sujeito encontra as suas próprias possibilidades de subjetivação, construindo estratégias de resistência ou de subversão aos mandatos sociais que o limitam. Essa possibilidade, que se dá por actos de liberdade em Foucault (2014), é denominada *subjetividade ética*, e em Butler (2009) é definida como *agência*, em cuja noção do desejo aparece como um aspecto fundamental.

Entretanto, Michel Foucault surge, através deste estudo, como um filósofo que conseguiu trazer à tona uma importante reflexão acerca deste mecanismo de opressão e sujeição do indivíduo através do panóptico. Sua reflexão neste sentido permite-nos compreender o procedimento que geralmente as forças de vigilâncias adoptam quando colocam em marcha este objectivo que é oprimir e sujeitar indivíduos e grupos (FOUCAULT, 2014).

O pensamento de Foucault não apenas aborda a maneira de como o esquema de vigilância acontece no decorrer da história a partir do Renascimento, como também apresenta a mudança ocorrida na forma de vigiar, de disciplinar e de punir

contrários. Aborda a actualização destes procedimentos na história actual (FOUCAULT, 2014).

O panóptismo sugere uma singular relação entre o homem e a sociedade em que este se encontra. Num primeiro momento, o homem é visto como um mero receptáculo de informações com o poder de molda-lo, transformando-o naquilo que o influenciador deseja. Mas, por outro lado, como detentor de uma racionalidade que lhe faz um ser muito especial, o homem é um ser consciente, capaz de decidir racionalmente e influenciar o meio em que se encontra (FOUCAULT, 2014). É um ser activo à medida que, através de suas decisões, pode criar mecanismos de transformações históricas e de resistências.

Neste sentido, o panóptico também aponta a necessidade de se posicionar frente aos mecanismos de dominação e tentativas de tornar o homem meros subservientes dos sistemas de dominação e controle político. Isto através de uma atitude política de resistência consciente frente a todos estes sistemas que procuram reduzir e estigmatizar o homem (FOUCAULT, 1979).

Entretanto, se o homem pode resistir a esta dominação no sistema panóptico de Foucault, com a psicopolítica de Han este mesmo homem não tem mais a capacidade de resistir a dominação.

A crítica de Han à biopolítica de Foucault concentra-se na ideia de que ela não é capaz de explicar a ideologia neoliberal. Os argumentos utilizados pelas sociedades disciplinares não têm a mesma eficácia de outrora devido à demanda de liberdade do indivíduo neoliberal (HAN, 2018a). O capitalismo descobriu a psique como sendo uma força produtiva e o “corpo dócil”, que fora anteriormente citado por Foucault, já não tem mais lugar nesse processo de produção, que agora dá lugar ao “*sexy e fitness*” como características supervalorizadas (HAN, 2018b). Esse “corpo neoliberal” deve ser melhorado em eficiência e desempenho assim como em suas capacidades cognitivas (HAN, 2018b, p.81). Nota-se, portanto, a partir da análise deste cenário, o surgimento da figura do *coach* como aquele capaz de eliminar os bloqueios funcionais que interferem na esperada eficiência (*Idem*).

Han insiste na comparação entre o panóptico de Bentham e Foucault, e aquilo que poderia ser entendido como o “panóptico digital” da psicopolítica, tornando esse tema recorrente em vários capítulos (HAN, 2018a, p. 78). Para ele, enquanto o panóptico de Foucault apresenta pontos cegos nos quais os pensamentos e os desejos secretos dos internos não são percebidos, os *big data*

enquanto instrumentos da psicopolítica permitem uma vigilância “aperspectivista” que alcança a psique, livre das limitações de perspectiva e dos pontos cegos da vigilância analógica (HAN, 2018a; 2018b). O *dataísmo* por exemplo se apresenta como uma espécie de “segundo iluminismo” onde os números e os dados substituem a psicologia e outras disciplinas do comportamento humano (HAN, 2018b).

Han (2018a) encontra um dilema de Foucault em relação ao conceito não explorado de biopolítica (vinculado à forma disciplinar do *biopoder* capitalista-política dos corpos). Na perspectiva de Han (2018a, p. 38), Foucault “não realiza a virada para a psicopolítica que teria sido necessária” ao nosso tempo. Isso porque Foucault “não reconhece que o regime neoliberal de dominação se apropria completamente das tecnologias do eu, nem que a otimização permanente de si como técnica neoliberal não seja nada mais do que uma forma eficiente de dominação e exploração” (HAN, 2018b, p.43).

Han descobre com a virada para a psique e também para a psicopolítica, uma inter-relação com os modos imateriais e incorpóreos da produção de otimização estética “o corpo se torna um acontecimento sexy e fitness da atualidade” (HAN, 2018b, p.47). O corpo como força produtiva não é mais tão central como na sociedade disciplinar biopolítica de Foucault. Em vez de superar resistências corporais como queria Foucault (2014), “processos psíquicos e mentais são otimizados para o aumento da produtividade” (HAN, 2018b, p. 40). E acrescenta, “aqui coincidem a otimização de si e a submissão, a liberdade e a exploração” (HAN, 2018b, p. 41). Esse estreitamento entre a liberdade e exploração na forma de exploração de si escapa ao pensamento de Foucault, do corpo como objecto (HAN, 2018a). O simples acto de *curtir* lisonjeia a alma e a paralisa ou aniquila, actuando proactivamente, constituindo-se numa psicopolítica neoliberal “inteligente que busca agradar em vez de oprimir” (HAN, 2018a, p. 53).

Assim, a técnica do poder do regime neoliberal não é proibitiva, protectora ou repressiva, mas prospectiva, permissiva e projetiva. Somos todos “compelidos a comunicar e a consumir, pelo princípio de positividade da estimulação e exposição voluntária” (HAN, 2018a, p. 57). Nesse ponto, “a liberdade é sempre explorada” (Ibid, p.58). Ao panóptico digital falta aquele Grande Irmão que arranca informações contra nossa vontade. Em vez disso, “nós nos revelamos, expomo-nos por iniciativa própria” e somos também controlados (HAN, 2018a, p. 57).

Para terminar esta contraposição à biopolítica e biopoder de Michel Foucault, Han traz o *poder inteligente* que se expressa como violência ou repressão, mas não necessariamente excludente ou oposto à liberdade (HAN, 2018a). Ou seja, hoje, o poder assume cada vez mais uma forma permissiva. Em sua “permissividade, ou melhor, em sua afabilidade, o poder põe de lado sua negatividade e se passa por liberdade” (HAN, 2018a, p. 26). Ao mesmo tempo, por deixar as pessoas dependentes e viciadas no digital, essa técnica de poder é muito mais eficiente porque faz com que as pessoas se submetam ao contexto de dominação por si mesmas.

A particularidade da sua eficiência segundo Han está no facto de que não age através da “proibição e da suspensão, mas através do agrado e da satisfação” (HAN, 2018a, p. 26). Ao repensar o poder inteligente da comunicação que cria necessidades, desejos, preferências, o autor revela que nós acabamos explorados e somos “livres” no mundo digital para expor a nossa própria vida.

Não obstante, Han nos mostra que as relações de poder continuam em jogo ainda que disfarçadas na sua própria manifestação (HAN, 2018a). É a partir deste pensamento que surge a comparação entre a biopolítica e a psicopolítica.

Ora, Han sintetiza seu pensamento assegurando que nas sociedades disciplinares caracterizavam o primeiro modelo, centrado no controle do corpo, sendo representado no seu livro pela figura da toupeira que se limita a espaços disciplinares. Já o indivíduo das sociedades neoliberais seria representado pela serpente que, contrapondo a toupeira, serve-se da liberdade e do movimento (HAN, 2018a). Nas palavras de Han (2018a, p. 30) “a toupeira é trabalhadora, a cobra por sua vez, é empreendedora”. No entanto, tal transição não é sem preço. Han nos lembra que a serpente encarna a culpa e as dívidas (como no mito de Adão e Eva), elementos que são empregados pelo regime neoliberal como meios de dominação (HAN, 2018a, p. 31).

Considerações Finais

Ao chegar no final desta reflexão, gostaria de tecer algumas notas finais sobre as ilações extraídas no meio desta abordagem toda. O trabalho procurou abordar sobre o panóptismo de Michel Foucault e a psicopolítica de Byung-Chul Han enquanto dispositivos de vigilância nas cidades contemporâneas. O estudo ora

realizado concluiu que a analítica do poder de Foucault proporciona um alento, na medida em que para todo poder mantêm-se a possibilidade de opor resistência. Entretanto, a leitura que compreende o funcionamento da sociedade contemporânea à luz da noção de panóptismo está no mínimo enfraquecida por não levar em conta que a crise da sociedade disciplinar já estava em curso mesmo que Foucault enunciasse o panóptismo como uma possibilidade de leitura dos efeitos da referida sociedade disciplinar.

Quanto ao Byung-Chul Han, este assevera como sempre que é o idiotismo que mantém as pessoas a produzir singularidades. É o idiotismo que move a filosofia desde sempre, seja na produção de uma nova linguagem, um novo pensamento. É esse idiotismo que, de alguma forma, leva o sujeito a buscar um processo psicoterapêutico que não lhe diga o que é preciso fazer, mas que possibilite construções e reconstruções a partir de uma reflexão. O idiotismo representa, definitivamente, uma prática de liberdade. Em suma, trazer esta discussão sobre o panóptismo e a psicopolítica e a relação entre o pensamento de Foucault e Han nos dias actuais ajuda-nos a intervir nas sociedades contemporâneas no que diz respeito a seus conflitos principalmente diante das práticas de Estado que fortalecem crescentemente o encarceramento em massa e o extermínio de jovens sobretudo habitantes de áreas periféricas.

Referências

AYMORE, Débora. *Do Biopoder à Psicopolítica*. Investigação Filosófica ISSN 2179-6742 <https://periodicos.unifap.br/index.php/investigacaofilosofica> Macapá, v. 10, n. 2, p. 101- 111, 2019.

BENTHAM, Jeremy (1791). *O Panóptico ou a casa de inspeção*. Tradução Tomaz Tadeu. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e Medo na Cidade*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar Ltda., 2005.

BAUMAN, Zygmunt e LYON, David. *Vigilância Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar Ltda., 2013.

BUTLER, Judith. *Mecanismos psíquicos del poder: teorías sobre la sujeción*. 2. ed. Madrid: Ediciones Cátedra, 2010.

BUTLER, Judith. *Cambio del sujeto: La política de la resignificación radical de Judith Butler*. In: CASALE, Roland; CHIACHIO, Cecília (Orgs.). *Máscaras del*

deseo: una lectura del deseo en Judith Butler. Buenos Aires: Catálogos, 2009. p. 65-111.

DA SILVA, Adelmo José. *O Panóptismo de Foucault enquanto Dispositivo de controlo político*. Astrolábio. Revista internacional de filosofia, n. 23, pp. 86-98, 2019.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalheite. 42^a ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Poder - Corpo*. In: *Microfísica do poder*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

HAN, Byung-Chul (2014). *Psicopolítica – o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Tradução Maurício Liesen. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018a.

HAN, Byung-Chul *No enxame: perspectivas do digital*. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018b.

MELO, Marco César de Souza. *Psicopolítica em Byung-Chul Han: novas formas de controlo na civilização tecnológica*. Revista Dialectus, ano 9, n.17, Maio-Agosto, p.68-81, 2020.

Recebido em: 20/09/2021.

Aprovado em: 07/10/2021.

Publicado em: 13/10/2021.